

Memória discursiva, lugar de memória: rememoração/comemoração – Entrevista com a Professora Maria Cleci Venturini

Memoria discursiva, lugar de memoria:
remembranza – Entrevista a la profesora Maria
Cleci Venturini

Mémoire discursive, lieu de mémoire: le souvenir
– Entretien avec la professeure Maria Cleci
Venturini

Heitor Pereira de Lima ¹
José Carlos Moreira ²

 DOI: 10.59306/memorare.v12e12025e26696

Resumo: Neste estudo, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Materialista, propomos uma entrevista com a Professora Maria Cleci Venturini (UNICENTRO/UFPR). Traçamos um panorama de sua vasta produção acadêmica, destacando noções de museus, história, memória discursiva e lugar de memória, que sinalizam discursos e saberes, organizando-os, distribuindo-os e os fazendo circular em outros tempos e lugares. Maria Cleci aborda o espaço de rememoração/comemoração enquanto lugares discursivos relacionados à memória, resultado de sua tese de doutorado e, finalmente, aponta para a construção de arquivo enquanto prática de leitura pelo funcionamento do imaginário de cidade que nos remete a lugar de memória.

Palavras-chave: Memória discursiva/lugar de memória. Rememoração/comemoração. Arquivo.

Resumen: En este estudio, basado en los presupuestos teóricos del Análisis Materialista del Discurso, proponemos una entrevista a la profesora Maria Cleci Venturini (UNICENTRO/UFPR). Presentamos un panorama de su vasta producción académica, destacando las nociones de museo, historia, memoria discursiva y lugares de memoria que señalan discursos y saberes, organizándolos, distribuyéndolos y haciéndolos circular en otros tiempos y lugares. Maria Cleci aborda el espacio del recuerdo/conmemoración como lugares discursivos relacionados con la memoria, resultado de su tesis doctoral, y finalmente apunta a la construcción de los archivos como práctica de lectura a través del funcionamiento del imaginario de la ciudad, que nos remite al lugar de la memoria.

Keywords: Memoria discursiva/lugar de la memoria. Recuerdo/conmemoración. Archivo.

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), bolsista Capes. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: oiheitorlima@gmail.com

² Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor de Letras francês na UFPR, pesquisador em Análise de Discurso (AD) e Histórias das Ideias Linguísticas (HIL). E-mail: jcarlosmoreira7@gmail.com

Resumé: Dans cette étude, basée sur les hypothèses théoriques de l'Analyse matérialiste du discours, nous proposons un entretien avec la Professeure Maria Cleci Venturini (UNICENTRO/UFPR). Nous donnons un aperçu de sa vaste production académique, en soulignant les notions de musées, d'histoire, de mémoire discursive et de lieux de mémoire qui signalent les discours et les connaissances, en les organisant, en les distribuant et en les faisant circuler dans d'autres temps et d'autres lieux. Maria Cleci aborde l'espace mémoire/commémoration en tant que lieux discursifs liés à la mémoire, résultat de sa thèse de doctorat, et souligne enfin la construction des archives en tant que pratique de lecture à travers le fonctionnement de l'imaginaire de la ville, ce qui nous ramène au lieu de la mémoire.

Mots clés: Mémoire discursive/lieu de mémoire. Mémoire/comémoration. Archives.

Uso a palavra para compor meus silêncios
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
[...]
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios
(Barros, 2008, p. 45).

Começamos este texto com a tarefa de usar as palavras para compor a apresentação da nossa entrevistada, a professora Maria Cleci Venturini. À vista desse objetivo, entendemos que precisaríamos de muitas e muitas palavras para dar conta de representar na íntegra sua trajetória nos Estudos da Linguagem, entretanto, também sabemos que isso seria impossível, uma vez que a professora possui um vasto currículo³ que conjuga sua atuação na docência (Universidade Estadual do Centro-Oeste e Universidade Federal do Paraná), na pesquisa (LABELL⁴/UNICENTRO, PALLIND⁵/UFSM, GPTD/UNICENTRO/UFPR)⁶, na gestão institucional (ABRALIN⁷, ANPOLL⁸, Fundação Araucária⁹/PR), na divulgação científica (dezenas de publicações de artigos científicos, livros, capítulos de livros; organização de eventos¹⁰; palestras; etc.), só para citar algumas. Sendo assim, preferimos parafrasear o verso *eu sou da invencionática*, do poeta Manoel de Barros, para afirmarmos: *Ela é da invencionática!*

Maria Cleci é *da invencionática* porque foi uma das analistas de discurso pioneiras em promover discussões, pesquisas e publicações sobre o funcionamento discursivo dos museus. Ela o fez desde sua tese¹¹ de doutoramento, defendida no PPG-Letras da Universidade

³ O currículo da professora Maria Cleci Venturini está disponível na plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6904278999384343>. Acesso em: 10 jan. 2024.

⁴ O Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários (LABELL) está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO, fundado em 2010 pela professora Maria Cleci Venturini, que vem desenvolvendo projetos no laboratório, desde então, juntamente com a sua equipe. Disponível em: <https://sites.unicentro.br/wp/label/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

⁵ O Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND) está vinculado ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob supervisão da professora Verli Fátima Petri da Silveira. Durante a pandemia de Covid-19, o grupo desenvolveu um projeto interinstitucional que resultou no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. A professora Maria Cleci Venturini integra o PALLIND e atuou na equipe de pesquisadores envolvidos na elaboração do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 13 mar. 2024.

⁶ O Grupo Estudos do Texto e do Discurso – GPTD, é um grupo de pesquisas do CNPq e é liderado pela professora Maria Cleci Venturini e pela professora Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia (Universidade Federal do Paraná). É um grupo interinstitucional, fundado em 2015.

⁷ Na ABRALIN, ao lado do professor Israel de Sá (Universidade Federal de Uberlândia), a professora Maria Cleci Venturini coordena a comissão de Análise de Discurso. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/comissao/analise-do-discurso/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

⁸ A professora Maria Cleci Venturini é coordenadora do Grupo de Trabalho Análise de Discurso da ANPOLL e a professora Fabiele Stockmans De Nardi (Universidade Federal de Pernambuco) é a vice-coordenadora. Disponível em: <https://anpoll.org.br/gt/analise-do-discurso/coordenacao/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁹ No período 2020-2024, a professora Maria Cleci Venturini é coordenadora da Área de Linguística, Letras e Artes, da Fundação Araucária/PR. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6904278999384343>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹⁰ A título de exemplo, destacamos o Colóquio Internacional Museus, Arquivos: discursividades, história, memória em cena, coordenado pela professora Maria Cleci Venturini que, em 2024, está em sua sexta edição. Destacamos ainda a III Exposição Itinerante do Museu do Holocausto: nossa luta – a perseguição dos negros durante o Holocausto, trata-se de outro evento coordenado pela professora. Os dois eventos são sediados na UNICENTRO. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/ppgl/2024/02/08/evento/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹¹ O título foi: “Rememoração/comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano”. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3952/MARIACLECIVENTURINI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Federal de Santa Maria, pela qual o Museu Erico Verissimo¹², de Cruz Alta (RS), foi assumido como eixo estruturador de memórias *sobre* Erico Verissimo e, conseqüentemente, *sobre* a cidade e a obra do autor. Na esteira dessa reflexão, Venturini nos ensina como o museu, instituição dotada de legitimidade, organiza, constitui e faz circular efeitos de verdade sobre um dado discurso. Ainda segundo a pesquisadora,

O museu funciona como o lugar que sustenta o lugar da memória e tem a função de recolher, transcrever e organizar os traços de identificação comuns a nomes ou eventos rememorados/comemorados. Isso significa um reforço à relação de dependência a outros lugares que transcrevem a memória, às quais chamamos de lugares que sustentam o lugar de memória – a rememoração/comemoração (Venturini, 2009, p. 199).

Portanto, é por meio do trabalho dessa analista de discurso que diversos pesquisadores da linguagem, iniciantes ou os mais experientes, desenvolvem gestos de interpretação ao se depararem com reflexões que consideram a memória discursiva e o lugar de memória para pensar na rememoração/comemoração do/sobre o espaço museológico.

Maria Cleci é *da invencionática* porque é uma das responsáveis pela criação da Revista Interfaces¹³, um Periódico da UNICENTRO que objetiva produzir e fazer circular conhecimento na área de Letras, na interface entre Língua e Literatura e áreas afins, por meio da publicação de artigos, resenhas e entrevistas de mestrands, mestres, doutorandos e doutores. Por isso, um Periódico que possui “papel relevante de institucionalizar uma ideia, uma teoria, até mesmo fazer nascer um novo campo, na medida em que este se constitui como um espaço capaz de produzir unidade e dar legitimidade ao que se faz e ao que se produz enquanto conhecimento” (Scherer; Petri, 2015, p. 19). Em quase 15 anos de existência, a Revista Interfaces segue funcionando como um espaço de grande importância para a/na produção e circulação do conhecimento científico e conta com a nossa entrevistada na função de presidente e editor-gerente.

¹² A casa em que o escritor Erico Verissimo nasceu e passou os primeiros anos de vida foi adquirida por seu avô em 1893, quando sofreu a primeira reforma. Em 1968, foi submetida a nova restauração, quando a municipalidade fez o tombamento do prédio e o transformou no atual Museu Erico Verissimo. O Museu reúne um significativo acervo de objetos que pertenceram ao escritor, como sua primeira máquina de escrever, óculos, livros, chapéus e originais de suas obras, além de alguns móveis que pertenceram à família. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/cruz-alta-casa-e-museu-erico-verissimo/#!/map=38329&loc=-28.645308000000007,-53.604169,17>. Acesso em: 13 mar. 2024.

¹³ A Revista Interfaces foi fundada em 2010 e se destina à publicação de textos de pesquisadores professores e de alunos de Pós-graduação. Esse Periódico mantém sua política editorial voltada à reflexão dos saberes e à divulgação da produção acadêmica nacional e internacional de trabalhos que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão, explorando preferencialmente as interfaces entre Língua e Literatura nas mais diversas abordagens, filosófica, epistemológica, analítica, empírica, crítica etc. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/index. Acesso em: 13 mar. 2024.

Ainda fazendo uso das palavras, poderíamos mencionar tantos outros trabalhos que comprovam como Maria Cleci Venturini *é da invencionática*. Por ora, preferimos nos reservar ao texto de apresentação que fizemos por entendermos que ele, ao passo que revela nosso carinho e respeito à querida entrevistada, dá conta de apresentá-la, não com *palavras fatigadas de informar*, mas com palavras encharcadas de admiração à nossa *invencionática*.

Muito obrigado, professora! Com a palavra, Maria Cleci Venturini.

1) Entrevistadores: Professora, quando convocamos a teoria materialista do discurso, aprendemos com Michel Pêcheux que a *memória discursiva* seria algo que “vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (Pêcheux, 2002, p. 48). Nessa direção, gostaríamos de começar nossa entrevista propondo uma reflexão sobre a noção de *memória discursiva* a partir da Análise de Discurso (AD). A senhora poderia nos falar um pouco sobre a importância dessa noção para a AD e para as pesquisas que a mobilizam?

Maria Cleci Venturini: A *memória discursiva* é uma noção basilar na Análise de Discurso, justamente, por tratar da memória, sinalizando o retorno de acontecimentos pretéritos e de discursos que circularam antes, em outros tempos e lugares. Por essa noção, compreendemos a noção de *pré-construído*, como o que ‘fala antes’ e retorna no eixo da formulação como um ‘já sabido’. No texto de 1975, *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, Pêcheux destaca Paul Henry e traz a noção de pré-construído, relacionando-a à *formação discursiva* e à *ideologia*. Com isso, referenda que os sentidos sempre podem ser outros e que as palavras significam dentro de suas condições de produção e da inscrição dos sujeitos em formações discursivas, ligadas às tomadas de posição dos sujeitos e de suas filiações ideológicas. Já Orlandi (1999, 2004) enfoca a memória como interdiscurso e memória discursiva, imputando às duas um funcionamento muito próximo. Para a pesquisadora, trata-se da “inscrição do dizer no repetível histórico” (2004, p. 70), que funciona pela interpretação – noção das mais importantes em suas obras e na Análise de Discurso.

No que refere a Pêcheux – minha edição do *Papel da Memória* é a de 1999 – é importante sublinhar que a citação que os entrevistadores trouxeram na pergunta refere-se ao que Pierre Achard discutiu em sua conferência acerca da memória e pode ser retomada na mesma obra. É preciso, portanto, pensar no que Pêcheux diz, inicialmente, sobre a memória como não

relacionada ao psicologismo. Segue o texto, fazendo o seguinte questionamento em torno da aproximação memória discursiva e implícitos: “Onde residem esses implícitos, que estão “ausentes por sua presença” na leitura da sequência: estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro oculto?” (Pêcheux, 1999, p. 52). Segue com a discussão, acerca do implícito e chega à metáfora como outra possibilidade de articulação discursiva: “uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, antes de desdobrar-se em paráfrase” (Pêcheux, 1999, p. 53). Vejo aí, a definição do fundador da Análise de Discurso para a memória discursiva e foi a partir dessa definição e de outras discussões que pude pensar no discurso *de*, como uma repetição vertical, que irrompe no eixo da formulação, preenchendo furos, possibilitando que a interpretação possa ser sempre dependente de sujeitos, das condições de produção, da interpelação ideológica e do atravessamento do inconsciente, como tem sido discutido na teoria materialista praticada no Brasil.

Pêcheux dá continuidade às reflexões, trazendo a opacidade e a divisão dela, reiterando que cabe à Análise de Discurso se distanciar das evidências, das estabilizações e, nesse funcionamento, ao analista de discurso, dentro da teoria materialista, cabe “interrogar os efeitos materiais de montagens de sequência”. Questiona os efeitos materiais e com esse questionamento rechaça a possibilidade de aceitar a existência de implícitos na interpretação. Conclui suas considerações problematizando a inscrição em espaços de memórias, sinalizando que o acontecimento retorna porque “está sempre lá”, como pré-construído. Reafirma a não estabilidade da memória, a define como “um espaço de desdobramento, de réplicas, polêmicas e contradiscursos” (idem, p. 56) e fecha reafirmando a relação com a exterioridade e a não homogeneidade dos sentidos.

Em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX [1975] 1997, p. 162), o autor traz a noção de pré-construído relacionado a “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes em outro lugar independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”, reafirmando a reaproximação entre interdiscurso e memória discursiva e, também, a relação necessária entre memória e formação discursiva, entendendo que o interdiscurso comporta todos os saberes, mas não há um sujeito identificável, como afirma Courtine (1999), há uma voz sem nome. Assim, o interdiscurso comporta os saberes disponíveis, mas inacessíveis; e a memória discursiva dá mais visibilidade ao sujeito inscrito em práticas. No entanto, as duas noções funcionam no discurso, sendo impossível identificar e separar o interdiscurso da memória discursiva no intradiscurso, já que a memória diz respeito ao interdiscurso que retorna pelo funcionamento dos efeitos de articulação, sustentação e de discursos transversos, já que os saberes “são, na realidade, determinados materialmente na

própria estrutura do interdiscurso” (idem p. 162), já a memória discursiva retoma o sujeito e os saberes que o constituem, a partir de suas inscrições.

Em nossas pesquisas, a memória discursiva tem um funcionamento relevante, pois, a partir dela, compreendemos como a memória retorna, preenchendo furos, indicando a interpelação ideológica e a sustentação de discursos que circularam antes e retornam ao eixo da formulação, compreendendo, igualmente, a interpelação ideológica, os efeitos de sentidos e a possibilidade de substituição que se dá por processos discursivos, especialmente, a equivalência e a implicação. Pela noção memória discursiva, compreendemos como os saberes que ressoam no eixo da formulação e os sentidos se atualizam, se formulam e se articulam.

2) Entrevistadores: No livro *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração* (Venturini, 2009), resultado de sua tese de doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a senhora problematizou duas importantes noções, anunciadas desde o título da obra, *rememoração* e *comemoração*, em diferentes materialidades. Em linhas gerais, a senhora poderia nos falar sobre essas duas noções e como elas se relacionam com a noção de *memória discursiva*?

Maria Cleci Venturini: A rememoração e a comemoração inscrevem-se na história e na antropologia e as deslocamos para funcionamentos discursivos relacionados à memória, pensando em instaurar os devidos distanciamentos e colocando em suspenso as evidências de que a rememoração encaminharia para lembranças e a comemoração para a celebração. A ancoragem para a realização desse deslocamento veio de Pierre Nora (1992), quando o historiador refere ao lugar de memória e à problematização dessa noção na história, indicando, especialmente, que o lugar de memória deveria ser o lugar da crítica e não da celebração. Com isso, acendeu o alerta acerca das comemorações e no que tange ao suposto gerenciamento da memória, já desfeito por Pêcheux ([1975], 1997) e por Orlandi (1999, 2004) e em outros textos, explicitando os esquecimentos do sujeito em relação à enunciação e à memória.

Nora (1992) destaca a Era das Comemorações para dar visibilidade a essa impossibilidade de gerenciamento do que deve ou não ser comemorado. Para isso, traz duas comemorações que ocorreram no mesmo período e em condições de produção bastante próximas: os duzentos anos da Revolução na França e os três mil anos da Dinastia Capetiana. A comemoração da Revolução Francesa é tratada como celebração do passado, tendo em vista a organização ser de responsabilidade do Estado, o qual encaminha os rituais de modo a sedimentar os valores institucionais. Mesmo assim, os sentidos contraditórios ou apagados

ressoam, dando visibilidade à não-coincidência de dizeres. O mesmo autor destaca que, ao mesmo tempo que era comemorado os duzentos anos da Revolução Francesa, havia a comemoração dos três mil anos da coroação da Dinastia Capetiana. A Revolução Francesa tinha como lema a *Liberdade, Igualdade e a Fraternidade* e a comemoração dos três mil anos da Coroação da Dinastia Capetiana e o aniversário da entronização do Rei Hugo Capeto comemoravam valores distintos por ter o feudalismo como prática econômica e por ser disperso e pouco integrado. As duas comemorações são de ordens políticas que se chocam e esse choque nos possibilitou compreender a impossibilidade de gerenciamento da comemoração e também o que está linearizado no intradiscurso se constitui por discursos de domínios distintos, que muitas vezes se contradizem e até se antagonizam.

Por esse funcionamento, compreendemos que o mesmo acontecimento pode significar de modo distinto, dependendo de sujeitos, de suas filiações e das condições de produção do próprio acontecimento. Nesse sentido, é pertinente trazer Pêcheux ([1983] 2002, p. 55) com o texto *O discurso: estrutura acontecimento*, apresentado por ele na conferência *Marxismo e interpretação da cultura: limites, fronteiras, restrições*, realizada na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, de 8 a 12 de julho de 1983. Em sua conferência e depois na obra traduzida por Eni Orlandi, o pesquisador trata da interpretação e afirma que há um discurso-outro e a existência do outro funciona “como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (idem, p. 55). Ainda para o autor, o ponto crucial da disciplina interpretação ocorre nos “espaços transferenciais da identificação, constituindo uma pluralidade contraditória de filiações históricas [...], ‘as coisas a saber’ coexistem com os objetos a propósito dos quais ninguém está seguro de ‘saber do que se fala’”.

Historicizamos as duas noções separadamente, destacando os seus funcionamentos e os deslocamentos, pensando na rememoração, que significa por e discursos que circularam antes e que não são identificáveis no intradiscurso (eixo da formulação), tendo funcionamento distinto da memória discursiva pela não-linearização do dizer. Realizamos os deslocamentos necessários para explicar as nossas tomadas de posição, trazendo de Courtine (1999) a relação eixo paradigmático e sintagmático (que se sustenta no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure), aproximando o eixo paradigmático do interdiscurso, considerando o funcionamento no eixo vertical, no espaço em que ocorrem as seleções, já que dois objetos não ocupam o mesmo lugar e isso ocorre também com a memória. Designamos esses discursos que estão no interdiscurso e que sustentam os dizeres no eixo da formulação, de discurso *de*. Desse modo, a rememoração ocupa o lugar do já-dito e esquecido, constituindo efeitos de saturação e de estabilização, constituídas pela repetibilidade, que Orlandi (1999, 2004) e em outros textos

designa de processo parafrástico, pelo que se repete, como se se tratasse do mesmo, sem o diferente.

Já a comemoração inscreve-se no eixo sintagmático, aproximando-se do intradiscurso, que funciona no eixo horizontal, espaço em que se dão as relações que constituem o discurso em circulação, que chamamos de discurso *sobre*, o que está linearizado, mas sempre com espaços a serem preenchidos. Esses vazios ou furos nunca são preenchidos, mas são lidos/interpretados/compreendidos, nos termos de Orlandi (2004), considerando os sujeitos e suas filiações, as condições de produção, a interpelação ideológica e o atravessamento do inconsciente. A comemoração aproxima-se do esquecimento número 1, em que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer, conforme Pêcheux (1997) e Orlandi (1999, 2004), podendo-se dizer que ocorre na tensão entre o dizer e o já-dito, no plano da reformulação e da reinscrição do dizer que ressoa desde o interdiscurso. Trata-se do que Orlandi (1999), e outros vários textos, designa como processo polissêmico, em que a repetição se rompe e instaura o novo, o diferente e, muitas vezes, um acontecimento discursivo, por instaurar uma nova série. Nos termos de Indursky (2008), realizando uma “agitação” das filiações de sentido, o rompimento com um domínio de saber e a entrada em outro, instaurando uma nova série, uma nova FD.

Para explicar o funcionamento da memória discursiva pelas duas noções rememoração (discurso *de*) e comemoração (discurso *sobre*), realizamos os deslocamentos que demandaram a retomada dos funcionamentos da memória, indicando que a rememoração (discurso *de*) e a comemoração (discurso *sobre*) não funcionam isoladamente, mas compõem o todo da discursividade, entendendo-se que os saberes inscritos no eixo paradigmático funcionam como o que vem antes e se repete, preenchendo “furos” e “vazios” no eixo sintagmático, espaço em que o dizer funciona ilusoriamente como linear. Trata-se das redes parafrásticas (repetibilidades) que se repetem, instauram a polissemia – os sentidos outros.

A rememoração (discurso *de*) e da comemoração (discurso *sobre*) como imbricamentos ocorrem pela memória discursiva, que atualiza os saberes pelo encadeamento de dizeres que constituem efeitos de unidade e de coerência, instaurando a ilusão de um todo, sem contradições e sem antagonismos.

3) Entrevistadores: Sabemos que a 2ª edição do livro *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração* será lançada em breve. Para os leitores que, assim como nós, aguardam por esse lançamento, a senhora poderia nos adiantar o que será apresentado como diferente em relação à primeira edição.

Maria Cleci Venturini: Tenho a certeza de que os textos nunca ficam prontos. Sempre que forem lidos, alguma coisa vamos encontrar para alterar e para acrescentar. Como a tese foi escrita durante quatro anos, entre 2004 e 2008, algumas mudanças foram acontecendo, mas de qualquer modo, não incluem erros teóricos, mas algumas arestas e noções que vão sendo aprimoradas, não por mim, mas dentro da teoria. Trouxe, ainda que brevemente, referência acerca da noção narratividade, tal como é mobilizada por Orlandi (2017) em relação aos imigrantes e o modo de funcionamento no “imaginário urbano”, entendendo que o “imaginário” se sustenta por essas redes que constituem a narratividade, em que o discurso *de* “como memória, define-se como processo discursivo que se engendra a partir do interdiscurso, na verticalidade dos saberes, dependendo da posição em que o enunciador se coloca” (Venturini, 2024, p. 88). A noção de narratividade já havia sido mobilizada no texto de tese e no livro e o fizemos, considerando a tese de Mariani (1998).

Se muitas vezes o discurso *de* e o discurso *sobre* foram razões para tantas demandas que envolviam incompletude ou se confundiam com o discurso *do/sobre* e se foi preciso em 2015 escrever um capítulo de livro, tentando mostrar as diferenças, é porque isso, provavelmente, não foi bem entendido ou bem lido. Na verdade, na tese, trouxemos Orlandi (1990), que trabalhou essa noção, Mariani (1998), Indursky (2002), mas não esclarecemos que a gênese da proposta de tese veio de um texto em que Indursky tratava do MST, destacando que os sujeitos do MST não falavam, mas eram falados e esse *de* e *sobre* não têm o mesmo funcionamento do que chamamos de rememoração (discurso *de*) e nem da comemoração (discurso *sobre*). Trata-se de funcionamentos distintos e de efeitos, igualmente distintos. Indursky (2003) é um ponto chave para pensar no discurso *de* (interdiscurso), quando neste texto destaca que um discurso se sustenta em discursos que circularam antes. Ela tratava ali das campanhas de Lula para presidente do Brasil e de Olívio Dutra como candidato a governador do Rio Grande do Sul pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Em 2011, Indursky publicou *A memória na cena do discurso* e trabalha com a noção discurso origem, como o que sustenta outros discursos, e isso é interessante para pensar o discurso *de*. A tese de Bethânia Mariani (1998) foi fundamental e está muito presente na tese, mas agora percebo que, no imaginário urbano, talvez o discurso *de* [ora está em itálico, ora não. Rever todo o texto e uniformizar] não seja pedagógico, mas um atravessamento de memórias no discurso *sobre*, no intradiscurso (atualidade).

O que trago nesta segunda edição do livro *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração* são mais textos e mais análises que foram acontecendo nesses quase dezesseis anos de defesa do doutorado. São muitas análises e várias dissertações e teses que mobilizaram a rememoração (discurso *de*) e a comemoração (discurso *sobre*) em diferentes

recortes e direções e cada uma dessas pesquisas ajuda a pensar e a cada vez compreender melhor o funcionamento discursivo. É difícil categorizar e impossível “tomar” um conceito e colocá-lo para funcionar em um *corpus*, como nos diz Orlandi (2004), mas essa fala é sempre repetida, ‘quem determina as noções a serem mobilizadas em uma dissertação, tese ou artigo científico, é a questão de pesquisa’. Cada vez mais volto na tese e penso que não se toma a noção teórica para funcionar em uma prática, mas a partir da prática é que vamos colocar para funcionar a noção, buscando os não-ditos, as interdições, os apagamentos e os silenciamentos.

Em 2022, por exemplo, tivemos a defesa da tese do José Carlos Moreira, orientada por mim e por Verli Petri, na Universidade Federal do Paraná, em que o então doutorando trabalhou com a institucionalização do Curso de Francês na UFPR e precisou construir um arquivo que sustentasse, que pudesse dar visibilidade às designações do curso e às mudanças pelas quais o curso passou. O nome de uma disciplina, por exemplo, desencadeia redes de memória que significam a designação, indicando caminhos e possibilidades de análises.

A nova edição desse texto se sustenta em uma questão, que é: como não ler em um discurso outros discursos? Reformulando: Se pode ler um texto sem encaminhá-lo para outros textos? E esse retorno de um texto em outro é sempre ‘percebido’ pelos interlocutores? São questões talvez já respondidas, mas que continuam a constituir efeitos.

4) Entrevistadores: Ainda sobre a noção de *memória discursiva*, a senhora desenvolveu uma reflexão sobre o conceito de *lugar de memória*, que ocorre “pela inscrição do lugar na ordem do simbólico e faz retornar enunciados já-ditos, significados, mas esquecidos” (Venturini, 2009, p. 66). Nesse sentido, podemos pensar que o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* (2023), resultado do projeto coordenado pela professora Verli Petri, se configura enquanto *lugar de memória*?

Maria Cleci Venturini: O lugar de memória, como talvez eu já tenha mencionado em outra questão, não é apenas um lugar de guarda, mas um espaço discursivo que organiza, distribui saberes e possibilita esse retorno de já ditos e significados antes em outros tempos e lugares. Pensando assim, o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, mesmo não pretendendo ser um “lugar de guarda” deu visibilidade às palavras/verbetes em um antes, um durante e um depois desse evento, que envolveu sujeitos, práticas, histórias de vida e de morte.

Além disso, o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, projeto que envolveu pesquisadores de diversas instituições brasileiras, ocupou um lugar nunca ocupado anteriormente por pesquisadores da área de Letras, conseguiu entrar em um Observatório da Saúde, saiu dos muros da Universidade e chegou às ruas, às praças, teve lugar na mídia. Como exemplo, posso citar uma matéria da RPC TV do Paraná, que entrevistou crianças e adultos perguntando sobre as palavras que tiveram outro funcionamento durante a pandemia. Uma das falas mais importantes foi sobre a máscara e veio de uma criança, que percebeu essas mudanças. O que era a máscara antes da pandemia? Talvez uma referência à fantasia, ao carnaval e virou um item essencial de proteção. Surgiram palavras novas e o *Vocabulário* trouxe isso. Ele precisou se “ampliar” para narrativizar práticas. Então, sim, é um lugar de memória. As noções se alargam demandadas por práticas.

5) Entrevistadores: Professora Maria Cleci, para finalizarmos nossa entrevista, concordamos com Eduardo Guimarães (2022) que a construção do arquivo comparece como leituras e análises que podem reclamar novas práticas de leitura ao voltar-se novamente para o arquivo. Qual o funcionamento de arquivo enquanto discurso, *lugar de memória*, em seu livro, a partir do museu Casa de Erico Verissimo em Cruz Alta (RS)?

Maria Cleci Venturini: O arquivo construído para a tese foi bastante amplo e trouxe documentos em torno de Erico Verissimo na cidade, tentando dar visibilidade ao modo de construção do imaginário urbano a partir de um sujeito. Na constituição do arquivo, tomamos a cidade como um grande texto, como páginas ao mesmo tempo em branco e preenchidas e fomos organizando a leitura do espaço urbano, entendendo que se tratava de um espaço constituído pelo funcionamento do imaginário em que as instituições buscavam representar a cidade como a terra de, como se cidade e Verissimo fossem um mesmo objeto. Colocamos como prioridade os lugares e buscamos documentos no poder público, na Universidade de Cruz Alta, no Museu, na mídia, totalizando quatro lugares que discursivizam o escritor, tomando-o como objeto do desejo e objeto *a*.

Nesse sentido, os lugares recortados funcionam como lugares de memória, mas a rememoração/comemoração, nos quais funcionam juntos os dois eixos é, ele mesmo, um lugar de memória, tendo em vista que os demais lugares funcionam a partir dele. A Fundação Erico Verissimo – o Museu – é o lugar que, de certa forma, distribui os saberes sobre o escritor,

constituindo-se como uma referência porque possui as obras e “guarda” documentos e mesmo histórias, narratividades sobre Verissimo. A cidade procurar dar visibilidade ao nome do escritor e um dos mecanismos dessa visibilidade se constitui pelo mobiliário urbano, que resultou de um projeto em que foram construídos prédios com o nome de personagens e obras que compõem o arquivo em torno da trajetória, que abarca, ao mesmo tempo, o universo literário e a vida do escritor. Há também a escola com o nome da professora de Matemática e toda uma narratividade em torno dela, a farmácia brasileira – que foi da família, as placas, praças, monumentos.

Entendemos que os lugares de memória, a partir do arquivo constituído e depois recortado, buscam “fazer-crer”, que decorre do “fazer-ver”, instaurando redes de memória, dando a ver mais do dizer. Os lugares de memória sustentam-se e constituem discurso por meio de citações (De Certeau, 1994), sustentando e naturalizando o sujeito que é rememorado/comemorado. Compreendemos, dentro do arquivo constituído e a partir dos recortes, que o lugar de memória trabalha na perspectiva discursiva e também organiza os traços identitários, sustentando e dando continuidade aos discursos, cumprindo duas funções, quais sejam: contribuir para que não ocorra o esquecimento, ou seja, presentificando o objeto e se constituindo ao mesmo tempo para se transformar por meio da preservação. O segundo funcionamento consiste em resgatar os traços identitários, trazendo-os para o eixo da formulação por meio de discurso *sobre* – entendido como atualidade, permeada de passados e de tempos tridimensionais.

As materialidades de análise se constituem como um *corpus* complexo, que abarcam documentários, placas, espaços da cidade e lugares de memória, que são, conforme já destacado, a mídia, a universidade, o poder público e o próprio museu. No entanto, esse *corpus*, para ser analisado busca outros espaços e discursos, tais como a obra do escritor, especialmente, *Solo de Clarineta I e II*, a obra *O tempo e o vento*, dentre outras.

Apesar de toda a busca por sustentação, não é possível dizer que o discurso é homogêneo, ele continua sendo dividido e dependente da ideologia e do inconsciente. Não há unanimidade, apesar da repetição de palavras de ordem em torno de herança, tradição, patrimônio e, especialmente, no trabalho da língua na história na construção de um sujeito ideal, portador de todas as qualidades. Por isso, entendemos que os lugares de memória ligados a instituições são doutrinários e encaminham para a constituição de determinados efeitos de sentidos e não outros.

Referências

ACHARD, Pierre et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora do Planeta Brasil, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **Chapéu de Clementis**. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Tradução de Freda Indursky. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1999.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes Editores, 2002.

INDURSKY, Freda. **A função enunciativa do porta-voz no discurso sobre o MST**. *Revista Anpoll*, São Paulo, n. 12, jan./jun. 2002.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (orgs.). *Memória, história na/da Análise de Discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 67-89.

INDURSKY, Freda. **Lula lá**: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020>. Acesso em: 20 mar. 2024.

INDURSKY, Freda. **Unicidade, desdobramento, fragmentação**: a trajetória do sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra, CAZARIN, Ercília. (orgs.). *Práticas Discursivas e Identitárias*: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prata, 2008. p. 9-33.

MARIANI, Bethania Sampaio. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Unicamp, 1998.

MOREIRA, José Carlos. **História, memória e designação na/da língua**: institucionalização do Curso de Francês da UFPR (de 1938 a 2020). Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/80063>. Acesso em: 10 mar. 2024.

NORA, Pierre. **L'Ere des commémorations**. Paris: Gallimard, 1992. v. II.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, Eni. **Eu, tu, ele:** discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista - Discurso do confronto:** velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, [1983] 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória [1983].** In: ACHARD, Pierre *et al.* (org.). *Papel da memória*. 5. edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999. p. 45-53.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 1997.

PETRI, Verli. *et al.* (org.). **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 118 p.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. Organon: entre a história e a memória no institucional acadêmico-científico do sul do Brasil. **Revista Organon**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 15-39, jul/dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/57091>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano:** espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009. 280 p.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano:** espaço de rememoração/comemoração. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024, 303 p.

DATA DE ENVIO: 10 de agosto de 2024 | DATA DE APROVAÇÃO: 16 de setembro de 2024